

# UMA LEITURA SOBRE ESPAÇOS E TEMPOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELACIONANDO EXPERIÊNCIAS

Adriana Ofretorio de Oliveira Martin Martinez<sup>1</sup>

*Quando estão com fome eles engolem histórias por todas as bocas, e lá nas suas entranhas acontece um milagre: um pedacinho de uma história de junta com uma ideia de outra, e pronto! Quando eles cospem as histórias, elas já não são mais as mesmas, antigas; são outras, novas. Nada vem do nada...[...]*  
Salman Rushdie em Haroun e o mar de Histórias

Somos feitos de experiências, de história pessoais e estrangeiras; histórias de sentimentos, alegorias, criatividade, enfim, de significações. Muitas vezes o primeiro contato com elas é pela linguagem oral, mas os livros também são este veículo de nos aproximar da experiência de outras vidas, outros caminhos, sejam eles fictícios ou reais.

Assim, também, se compõe a história de vida profissional dos professores; seus anseios e projetos se relacionam à história de vida de seus alunos, seus colegas e também, aos espaços nos quais se formou e o forma. Ainda, tal enredo se une aos diálogos promulgado com teorias, ideais, conhecimentos e visões sobre o ensino.

O presente texto se insere neste contexto diálogo de experiências de um profissional docente, em especial, na história de vida e profissão de uma professora de Educação Infantil, pela sua oportunidade em vivenciar a profissão em terras estrangeiras, além-fronteiras de significados culturais e sociais sobre a infância. Porém, tal experiência não foi isolada, nela esteve presente sua trajetória profissional em terras brasileiras, pelas diversas experiências como professora de Educação Infantil em um Centro de Educação Infantil no Estado de São Paulo.

Neste sentido, consideramos que dois espaços e tempos sobre a infância foram correlacionados, pois carregamos para novas experiências os significados de experiência já vivenciadas, ou seja, nossa memória afetiva e cognitiva se entrelaça ao já dito em nossa vida pessoal ou profissional. Assim, almejamos também, correlacionar os significados destas experiências, apresentando aproximações ou distanciamentos de duas culturas sobre a infância. Assim, neste texto, escrita e memória se entrelaçam na descrição dos contextos pela professora, bem como lembrou Benjamin (1994)

Como a tecedura, para produzir um véu, se compõem dos movimentos ao mesmo tempo complementares e opostos dos fios da trama e da urdidura, assim também se mesclam e se cruzam, na produção do texto, a atividade do lembrar e a atividade do esquecer (BENJAMIN, 1994, p. 37)

## **Um contexto dialógico sobre a Infância**

A Educação Infantil é o período propício para estimular o desenvolvimento pleno da criança (motor, afetivo, e cognitivo) (TIERNO, 2009). Desse modo, é nesta fase que se torna imprescindível oferecer a ela oportunidade de conviver com diversos espaços-tempos pedagógicos e, ainda permitir que a criança se relacione com diferentes conhecimentos entre eles os significados culturais da comunidade na qual está inserida. Todas essas ações tornam-

---

<sup>1</sup> Prefeitura Municipal de Jaguariúna, Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: [aofretorio@gmail.com](mailto:aofretorio@gmail.com).

se estratégias que contribuem para que a criança crie sentidos sobre o mundo e as relações em seu entorno. É por este momento, também, que o lúdico e o cuidar se relacionam com princípios e conceitos cotidianos, definindo um educar em sentidos múltiplos.

Desse modo, falar em Educação Infantil é considerar uma relação dicotômica entre singularidade e pluralidade de sentidos produzidos e relacionados nos diferentes tempos e espaços vivenciados pelas crianças (OLIVEIRA, 2010). Mas este momento também se constitui para o adulto, professor, um espaço onde planejamento, criação, experimentação e o inesperado caminham juntos. Portanto, consideramos ser importante promover um diálogo sobre os diferentes espaços e os tempos pedagógicos, desenvolvidos e experienciados, na Educação Infantil, nos quais são promulgadas as relações entre percepção do espaço vivenciado e conhecimento aprendido, tanto para o adulto, professor, como para a criança.

Neste contexto dialógico, o presente trabalho tem como objetivo apresentar uma leitura de aproximação e/ou distanciamento do sentido do espaço e tempo pedagógico como lugar que oportuniza o desenvolvimento da criança, sobre a égide de duas experiências que contemplam diferentes realidades vivenciadas por uma mesma professora de Educação Infantil: como professora efetiva em um Centro de Educação Infantil pertencente à um Município Paulista, e como professora voluntária em uma escola de Educação Infantil em uma cidade da Inglaterra, no Reino Unido.

Cabe ressaltar que tal reflexão perpassa o conceito de significação das experiências (SMOLKA, 2004) e baseia-se em relatos elaborados por esta professora nos momentos de vivência profissional mencionados. Dado um olhar sobre tais momentos, poderemos inferir aproximações de sentidos do espaço e tempo pedagógico como lugar que oportuniza o desenvolvimento da criança? As duas experiências, embora distintas, poderiam se complementar? Quais contribuições são possíveis para planejar o uso dos diferentes espaços educativos? Quais sentidos sobre a prática docente são elaborados?

Tendo como pressuposto a idéia de contexto como um espaço “que se pode chamar de ‘proceduralmente’ consequente” (BLOMMAERT, 2008, p. 109), e que envolve uma série de eventos individuais e também as relações entre esses eventos.”, primeiramente descreveremos sucintamente os dois contextos, e em seguida, realizaremos uma reflexão.

## Contexto 1

O tempo chuvoso e a temperatura baixa não impediram as crianças de irem ao parque. Fiquei surpresa pois para mim era muito frio. As crianças vestiram suas jaquetas-capade chuva e foram felizes brincar lá fora. O parque é todo revestido com um piso emborrachado na cor verde. Casinhas de boneca, navio de pirata, triciclos, pneus, entre outros brinquedos. A escola é uma casa de vários andares. O *basement* ficava a pré-escola. No térreo as crianças de dois anos, no primeiro andar, o berçário, e o *upstairs* a secretaria. O que me chamou a atenção, no primeiro dia, foi a quantidade de escadas que as crianças subiam e desciam. Sem preocupação, sem medo, sem acidentes. A pré-escola foi onde trabalhei. Assim que cheguei fiquei surpresa com a organização dos espaços, muito bem divididos e com muitos brinquedos e diferentes opções de exploração sensorial. Havia uma sala de leitura com almofadas, estantes, luz ambiente e muitos livros. Ao lado uma mini cozinha, com todos os utensílios possíveis. Sala com instrumentos musicais, uma mini vendinha, com sua moeda própria, uma lousa magnética para a chamada, varal com roupas e fantasias, bonecas. Prateleiras com caixas organizadoras contendo diferentes peças de montagem: fazendinha, floresta, legos entre outros. Na sala onde as crianças se alimentavam, mesinhas e cadeiras na cor verde, azul e vermelha. Armários com brinquedos, caixas de areia com instrumentos metálicos e de

plástico onde havia também diversos imãs para as crianças testarem o que se ligavam a eles. Uma cozinha para manipulação dos alimentos, um quadro com diferentes palavras na língua grega. Ao lado um pequeno quarto com uma mesa para desenhos e pinturas. Nele também, havia uma estante com gavetas de plástico com diferentes tipos de papeis e lápis de cor para as crianças usarem e um cabide vertical com aventais. Do lado de fora um espaço parecido com um “jardim de inverno” onde havia plantas, uma caixa plástica para se brincar com água e paredes para serem rabiscadas com giz. Tudo muito organizado para a exploração das crianças. Rotinas bem estabelecidas, diferentes brinquedos e materiais ao alcance das crianças; um contexto onde a autonomia prevalecia.

## **Contexto 2**

Uma sala com armários onde os brinquedos e demais materiais eram guardados. Tapetes de borracha colocados no chão para organizar os espaços de brincadeiras. Uma lousa verde onde as crianças podiam desenhar com giz. Paredes com azulejos onde diferentes atividades poderiam ser expostas. Um carrinho com os colchões para as crianças dormirem após o almoço. Este era o espaço principal da turma de crianças. A instituição, como um todo, possuía diferentes áreas para as crianças explorarem, porém estas eram compartilhadas com as outras turmas. Havia um amplo parquinho com areia e diversos brinquedos: balanços, casinha do Tarzan, gira-gira, gangorra e uma armação de em metal para as crianças subirem. Havia um pátio não coberto onde as crianças podiam brincar com os triciclos. No Galpão, um espaço coberto, havia diversos brinquedos de plástico: casinha, cavalinhos, gira-gira, cama elástica, um cabide com fantasias. Havia também várias mesas hexagonais para as crianças realizarem atividades de pintura, bem como estantes com livros para momentos de leitura e armários de metais onde ficavam guardados os materiais pedagógicos de uso comum dos professores. Neste galpão, eram realizadas diferentes atividades de interação entre as diferentes turmas de crianças: rodas de leitura, apresentação de tetro, músicas e festas dos aniversariantes do mês. Na área externa também havia um espaço com diversas árvores e com piso de cimento utilizado para diferentes brincadeiras usando brinquedos, ou de outros modos. Os espaços externos à sala de “aula” eram diariamente reinventados. As refeições eram realizadas em um único lugar, onde havia mesas e bancos para as crianças. Todos os lugares eram bem limpos e arejados e fáceis de promover a interação e convivência das crianças em diferentes faixas etárias”

## **Tecendo sentidos sobre as experiências**

Dois relatos. Duas realidades e tempos distintos. Impressões sobre diferentes espaços onde o objetivo com as atividades foi o desenvolvimento integral das crianças. Não há um lugar melhor que o outro, apenas possibilidades distintas e singulares de promover atividades para a infância.

O Primeiro contexto nos apresenta um ambiente rico em objetos de exploração pelas crianças; uma organização de espaços mais concretos e próximos ao ambiente de uma casa. Não havia a necessidade de reorganizar os espaços diariamente, pois os lugares eram os mesmos, e a disposição dos brinquedos e mobiliários permaneciam. As refeições também eram feitas neste espaço, mas organizado para tal fim.

O que destacou foi a autonomia e organização do uso dos espaços pelas crianças. Elas sabiam onde estavam os brinquedos para brincar e escolhiam a todos o momento o lugar onde desejavam ficar. Havia uma liberdade de decisões, porém direcionado por regras gerais de convívio. A interação entre outras turmas ocorria, geralmente, no parque externo.

Observamos que tanto as atividades pedagógicas como a organização dos espaços refletiam uma concepção de infância permeada pela autonomia e exploração dos ambientes e objetos, pautando-se na construção de um conhecimento por meio das experiências. A logística das ações baseava-se em pressupostos de desenvolvimento cognitivo e interpessoal inspirados no ideal educacional montessoriano, assim, as atividades eram direcionadas pela égide de um “para que” para além do momento vivido. A observação desta realidade se aproxima do já dito por de Horn: “O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica” (2004, p. 15).

O segundo contexto nos apresenta uma riqueza de espaços compartilhados, porém, um espaço de referência para a turma que se assemelhava à uma sala de aula. Todos os dias os brinquedos eram organizados neste contexto. Não havia um mobiliário fixo com brinquedos, o que dificultava as crianças ter referência de lugares: onde ficam as bonecas, os papéis. Os professores eram livres para seguir suas próprias concepções sobre o desenvolvimento infantil, assim, coexistiam planos de atividades baseados em ideais de Freinet, Vigotski, Wallon, entre outros. Mas todos direcionavam as atividades para que as crianças pudessem ter um desenvolvimento cognitivo, motor e social, pleno e integral.

As duas experiências demonstram que a unidade entre teoria e prática, das concepções pedagógicas sobre a infância, se atrelam ao espaço físico no qual as atividades podem ser realizadas.

Assim, observamos no primeiro contexto um espaço delimitado por lugares de atividades, com diversidade de brinquedos e oportunidades sensoriais. Cada turma de crianças se reconhece em seu lugar, ou seja, se faz criança também pelas relações entre seus colegas e os espaços. Com isso, observamos que a pré-escola, lugar descrito no primeiro contexto, proporcionava uma interação maior entre a própria turma, nos afazeres da rotina e o contato com outras turmas ocorria com mais frequência no parque. Ressaltamos, ainda, que tal espaço se assemelhava mais a uma “casa”, oportunizando uma aproximação entre situações vivenciadas com suas famílias (cozinha, sala).

O segundo contexto, ao apresentar um espaço de referência sendo apenas uma sala, oportunizou à turma, a exploração de outros ambientes da instituição, bem como, contribuiu para a realização de diversos momentos de interação entre tempos de desenvolvimento infantil. A criatividade e a reinvenção dos espaços tornam-se elementos importantes na rotina e não menos significativos.

As duas experiências se complementam e nos apresenta que o sentido da infância, bem como os pressupostos que orientam o trabalho pedagógico, são uma base fundamental no trabalho com as crianças. Saber onde se quer chegar orienta o caminho a ser percorrido e os instrumentos que podem auxiliar neste processo.

Ainda, questionar o como, o por quê e o para que das atividades da rotina diária, também são importantes passos na estruturação dos espaços físicos, bem como na relação destes com diferentes instrumentos pedagógicos (brinquedos, entre outros).

Neste sentido, cada experiência, embora singular, se complementam; e mesmo sendo constituídas por significados culturais diferentes, como hábitos diários, influência do clima, ou ainda, por usarem diferentes recursos materiais-pedagógicos, ambos os contextos apresentam uma preocupação em oportunizar para as crianças, que deles fazem parte, um desenvolvimento onde a criatividade e o conhecimento possam se relacionar.

## Referências

BENJAMIN, W. O Narrador. In: BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas** - magia e técnica, arte e política. 7. ed. São Paulo: Ed Brasiliense, 1994. p. 197-221

HORN, M. G. S. **Sabores, cores, sons, aromas**. A organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

OLIVEIRA, Z. M. R. de. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SMOLKA, A. L. B. Sentido e significação. Parte A – sobre significação e sentido: uma contribuição à proposta de Rede de Significações. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C. (Org.). **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 35-49